

ÍNDICE

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO..... I 3

José Manuel Anes

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO..... I 5

Serge Caillet

INTRODUÇÃO À PRAGMÁTICA DA
INICIAÇÃO MAÇÓNICA E PÓS-MAÇÓNICA 25

Jean Pierre Giudicelli de Cressac de la Bachelerie

DA INICIAÇÃO 29

AVISO 41

Capítulo I

AS DILIGÊNCIAS INICIÁTICAS 43

1. O Pedido de Iniciação 44

2. A Análise do Pedido de Iniciação..... 48

3. A Passagem Sobre a Venda 50

4. A Indicação de Iniciação e a Orientação Tradicional..... 51

5. A “Primeira” Iniciação 53

6. O Trabalho Iniciático 54

7. A Avaliação 54

Capítulo II

O TRABALHO, O PROJECTO E O QUADRO INICIÁTICOS..... 57

1. As Duas Grandes Funções do Trabalho Iniciático 57

2. O Projecto Iniciático 58

3. A Articulação dos Quadros..... 59

Capítulo III

ESPAÇO, TEMPO E COMPANHEIRISMO 61

1. Espaço e Tempo 61

2. Regras e Saberes 63

3. O Companheirismo 64

<i>Capítulo IV</i>	
O PROCESSO INICIÁTICO	67
1. O Investimento do Trabalho Iniciático	67
2. As Três Fases do Processo Iniciático	70
<i>Capítulo V</i>	
A AVALIAÇÃO DO PROCESSO INICIÁTICO	75
1. O Triângulo <i>Referente – Iniciador – O Si</i>	75
2. Avaliação e Auto-Avaliação	77
<i>Capítulo VI</i>	
A TEORIA DAS TRÊS PESSOAS NO PROCESSO INICIÁTICO	79
1. Pessoa Profana e Pessoa Sagrada	79
2. A Testemunha, Terceira Pessoa	80
3. A Postura da Terceira Pessoa	81
4. O Resultado do Processo	83
<i>Capítulo VII</i>	
OS DISFUNCIONAMENTOS NO PROCESSO INICIÁTICO	85
1. Os Disfuncionamentos no Grupo ou na Obediência	85
2. Os Disfuncionamentos Numa e Noutra Pessoa	87
2.1 Disfuncionamentos no Seio da Pessoa Profana	87
2.2 Irrupção da Pessoa Profana na Pessoa Sagrada	88
2.3 Invasão da Pessoa Sagrada pela Pessoa Profana	88
2.4 Canibalização da Pessoa Profana pela Pessoa Sagrada	89
3. Os Disfuncionamentos da Testemunha	90
<i>Capítulo VIII</i>	
CONVERSA POR PERGUNTAS E RESPOSTAS	93
CONCLUSÃO TRANSITÓRIA	111
TRÊS VÍNHETAS INICIÁTICAS	115
Audição de um Candidato Sob a Venda	117
Propostas de Trabalho para uma Loja de Rito Egípcio	127
Como Subir à Câmara Alta?	147

DA INICIAÇÃO...⁷

Dedicado a **ROBERT AMADOU**
(1924-2006 e mais...)

Para começar apontemos já o paradoxo: a Iniciação não se pensa, ela manifesta-se. Realiza-se fora de toda a linearidade própria ao pensamento, quando a “pessoa”, essa, se desrealiza. A Iniciação só pode ser encarada num estado de não-pensamento. Silêncio exigido. Quanto mais páginas a literatura consagra a este assunto, mais as Ordens ditas iniciáticas se multiplicam, menos “iniciados” encontramos, e até os “iniciáveis” se tornam cada vez mais raros. O momento é de confusão, ao passo que a Iniciação introduz e conduz à fusão com o Ser.

A Iniciação é por natureza indefinível, inapreensível como o Espírito. Trata-se, sempre, da Iniciação à nossa própria natureza original, à nossa realidade derradeira, ou seja, ao Real, ao Absoluto, ao Divino, àquilo que permanece “aqui e agora”. Pouco importam as palavras, pois, precisamente, no “aqui e agora”, não existem palavras.

Assim postas as coisas, será possível abordar através das palavras, senão a Iniciação em si, pelo menos o plano iniciático, a tensão humana rumo ao “mais que humano”, isto é, ao não-condicionado.

O conceito de iniciação poderá então dar-nos talvez o pressentimento ou a intuição daquilo que é o plano iniciático, ao mesmo tempo místico, esotérico e poético, e ajudar-nos a definir os procedimentos iniciáticos com vista à elaboração de uma pragmática da Iniciação, de

⁷ Este texto foi publicado pela primeira vez, numa versão mais curta, no primeiro número da nova série da revista *Supérieur Inconnu* [Superior Incógnito], a belíssima e impertinente revista de vanguarda, dirigida por Sarane Alexandrian.



que o Ocidente carece cruelmente? Sim, mas com a condição de nos lembrarmos de que tudo o que aqui está escrito é falso, ou melhor, nem é verdadeiro, nem falso. Uma parte destas linhas poderá ser útil aos espíritos sagazes que quiserem tentar a aventura da Demanda, a única aventura que vale a pena viver, mas o essencial estará nas entrelinhas, entre palavras, entre letras, no Intervalo.

Ciência, Arte e Iniciação colocam, *a priori*, uma mesma questão: porque é que existe alguma coisa em vez de nada? Enquanto a Ciência tenta responder investigando a “Coisa”, sondando-a *in abstracto* – “*a Ciência não prova, ela sonda*” adverte o filósofo Bateson –, a Arte contorna-a ou exalta-a para melhor interrogá-la *in facta*, por vezes desesperadamente; ao passo que a Iniciação responde à questão apagando-a na experiência plena do Grande Nada. A Ciência e a Iniciação têm em comum o rigor, nada mais; a Arte e a Iniciação partilham, nada menos, da loucura controlada, loucura essa que permite franquear os limites da pessoa condicionada.

Acontece que, na Terra ou no Céu da Tradição, se apresentem quatro graus de Iniciação. A Demanda pode, com efeito, declinar-se assim:

- Posso compreender, total e imediatamente, que eu sou o Absoluto ou, mais justamente, que “eu” é compreendido pelo Absoluto; e tudo está terminado, não há nada a fazer, basta ser, e nem isso, até, é importante. Nada prepara para esta experiência definitiva, nenhuma escola, nenhum treino. É um acidente, ou uma graça do Real.
- Posso não compreender o Absoluto, mas pressinto-O através da percepção do jogo divino da energia e da consciência. Aprendo, então, a dominar este jogo, abandonando qualquer pretensão em controlá-lo, até me tornar um livre criador, disponível para a experiência do Absoluto.
- Não percepciono o jogo da energia e da consciência; então, eu respeito e pratico os ritos, integrando a sua simbólica, e estudo o ensinamento formal que os acompanha.
- Não percebo o sentido do rito no seio do cerimonial; então, consagro-me ao melhoramento da sociedade em que vivo e ao aperfeiçoamento do ser humano.



A cada uma destas declinações correspondem expressões tradicionais particulares que chamamos, muitas vezes, de sociedades secretas ou Ordens iniciáticas; estas assumem, com mais ou menos sucesso, funções exotéricas, mesotéricas, ou esotéricas.

Convém distinguir: as organizações formais, sempre humanas e consequentemente condicionadas; as funções, que indicam processos; e as Vias, “não-humanas” e não-condicionadas.

Com efeito, uma organização está sempre inscrita num tempo, num espaço e numa cultura. Estes “dados” são incontornáveis e condicionam nitidamente a forma que tomará a sociedade iniciática.

Como qualquer organização, uma sociedade iniciática, concebida idealmente para servir à libertação humana e acompanhar a caminhada iniciática de indivíduos e de grupos, pode tornar-se numa nova prisão. Progressivamente, o objectivo iniciático será posto de parte em prol de um outro objectivo, bem diferente: fazer perdurar a organização, estender a sua influência, desenvolver o seu poder. Se existe alguma profanação, nitidamente é esta: o deslizar do iniciático para o político, o sacrificar da busca do Ser em proveito do ter e do fazer, o abandono da verticalidade em benefício do território horizontal do poder. Uma sociedade iniciática está ao serviço dos seus membros, não o inverso, e estes não deverão hesitar em abandoná-la para prosseguir a sua busca por outros lugares e por outros modos.

Em *Kali Yuga*, as sociedades cedem ao imobilismo e degeneram muito rapidamente. Seria sábio e saudável que elas não sobrevivessem aos seus fundadores, cabendo aos melhores estudantes dessas sociedades a responsabilidade de fundarem as suas próprias organizações, também elas efémeras.

Formalmente, as tradições concordam na distinção de três tipos de organizações tradicionais, externas, semi-internas e internas. Vejamos rapidamente a que é que corresponde esta distinção, que é independente da natureza e da finalidade da organização. Um ensaio de tipologia funcional das sociedades iniciáticas pode ajudar-nos a pensar este fenómeno universal, presente desde a Antiguidade na quase totalidade das culturas. As sociedades secretas assumem três funções particulares, ao mesmo tempo distintas e complementares, que chamamos exotérica, mesotérica – ou por vezes exo-esotérica – e esotérica.

